

*Fundação Estatal Saúde da Família - Fesf*  
*Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz*  
*Ministério da Saúde - MS*

*O Jardim e Suas Pérolas Negras: Memorial de  
Formação*

*Lauro de Freitas, Ba 2019*

*Anne Sullivan Lopes Da Silva Reis*

*O Jardim e Suas Pérolas Negras: Memorial de  
Formação*

*Trabalho de conclusão de residência apresentado  
como exigência final para obtenção do Grau de  
Especialista em Saúde da Família da  
Fundação Estadual Saúde da Família e da  
Fundação Oswaldo Cruz – Fesf/Fiocruz sob a  
orientação da Preceptora Esp. Maria de  
Lourdes Moreira Pontes.*

*Lauro de Freitas, Ba*

*2019*

*“Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a seu respeito.”*

*James Hillman*

## SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO .....	5
2.	A TRAJETÓRIA .....	6
3.	O GRANDE ENCONTRO: A NATUREZA, O JARDIM E SEU BUQUÊ DE FLORES .....	7
4.	PICS: FERRAMENTAS PARA O CUIDADO DO JARDIM .....	11
5.	CONHECENDO OS JARDINEIROS: VIEP E VISAT .....	19
6.	OS PAISAGISTAS DA GESTÃO .....	25
7.	FINDANDO CICLOS.....	31
	REFERÊNCIAS .....	33

## 1. Apresentação

Neste memorial consta minha trajetória formativa, onde procuro relatar as experiências elementares ao longo dos 2 anos de atuação na Estratégia da Saúde da Família. Esta escrita tem a finalidade de subsidiar a análise e avaliação final do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Fundação Estatal Saúde da Família e da Fundação Oswaldo Cruz FESF/FIOCRUZ.

A presente narrativa está estruturada seguindo uma ordem cronológica do processo de imersão nos campos instrutivos ofertados pelo programa de residência: Unidade de Saúde da Família (USF), Vigilância Epidemiológica (VIEP), Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT) e Gestão em Saúde. Essa disposição abrange reflexões, questionamentos e associações em meio ao arcabouço empírico e científico vivenciado durante toda a prática.

Destarte, escrever sobre o meu percurso elaborativo contribuirá significativamente para o exercício reflexivo diário do fazer profissional, já que relembrei os passos e os caminhos com que trilhei os meus saberes e fazeres na da área da saúde.

Início, portanto, discorrendo sobre minha confluência com as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e o quanto estas permearam todo o meu processo formativo acadêmico-profissional. Apresento os caminhos que me conduziram a Saúde da Família e as experiências particulares advindos das vivências dentro do Sistema Único de Saúde – SUS.

No segundo tópico, relato acerca de minhas impressões frente a Unidade de Saúde da Família, a qual estive durante o primeiro ano de formação do programa de residência e os primorosos encontros que esta permanência me concederam.

Logo após, faço um breve apanhado do segundo ano desta formação, discorrendo sobre as passagens transitórias pelos campos de estágio ofertados e as principais inquietações que a prática nesses espaços suscitaram.

Ao final, exponho as reflexões de toda a trajetória vivida, a qual sempre esteve direcionada pelo amadurecimento profissional e a imprescindível troca de saberes. Isto posto, gostaria de salientar que para escrever as linhas que se seguem, decidir me libertar das algemas da comprovação científica, onde cada pensamento deve está atrelado a uma amarra sócia pré-existe de um autor conceituado. Isso não quer dizer, que irei abolir o acesso tais conhecimentos, muito pelo contrário, estes fazem parte do processo reflexivo diário, afinal a diversidade de idéias é o diferencial na construção do conhecimento e no aprimoramento das práticas. Porém, estes não serão a base desta minha tecitura, pois pela primeira vez, sinto que posso ousar da liberdade ao escrever.

## 2. A trajetória

Desde muito cedo sempre tive apreço por tudo que me reportasse a natureza. O céu, as estrelas, o arco-íris, os planetas, a fauna, a flora, a terra, o mar, os rios, a chuva, o sereno, o orvalho, as flores, e em especial as árvores, estas sempre roubavam horas da minha atenção. Lembro-me de tentar copiá-las em meus desenhos de infância à adolescência, quando ia até o bosque da minha cidade Amargosa, que por sinal é conhecida como cidade jardim, para admirá-las e guardar um pouco da sua majestade comigo. Eu ficava horas e horas ainda quando menina, sentido os raios de sol ao meio o frio do inverno, uma das minhas estações preferidas, no quintal de casa, com um grande cobertor e os pés com meias coloridas, sentada na escada, vendo o espetáculo dos dias de São João amanhecer.

Na escola em que estudei a maior parte da minha vida, o contato com a natureza era gracioso, casa na jaqueira, árvores frutíferas, grama por todos os lados, um mini zoológico, com coelhos, preás, pássaros, dentre tantos outros, era um verdadeiro paraíso infantil. No meio acadêmico as matérias das ciências biológicas sempre me despertaram muito entusiasmo e imensa curiosidade o que me fizeram acreditar que tornar-me cientista seria o destino mais certo, ao menos para os meus 8 anos de idade! A geografia física, a história social, as línguas também tiveram seu lugar envoltas da liberdade do movimento que me atravessava nos passos e compassos da dança e do balé clássico. As férias e os muitos fins de semana eram em meio a natureza exuberante que contemplava a fazenda 7 brejos (cujo nome se dá devido suas setes nascentes) na cidade de Jiquiriça a algumas horas de Amargosa.

Dentre tantas memórias guardo a sensação de sentir o vento suave em minha pele, quando de olhos fechados, com os braços entre abertos tocava ao ramos do capinzal alto e brilhante ao entardecer no quintal da minha casa. Esse sempre fora para mim, a minha floresta encantada, onde as borboletas pairavam no ar e as cigarras tinham hora exata para cantar.

O meu deslumbramento pela natureza me fez querer cada vez mais estar junto a ela, conhecê-la profundamente, através do compartilhamento, do doar-se, do sentir-se, uma espécie de viagem interior em busca do autoconhecimento. Assim, fui cada vez mais me direcionando para leituras, e quaisquer tipos de informações que integrasse o ser humano e natureza em um único patamar. Folheando um “Guia de Vestibular” com inúmeras possibilidades as quais eu tentava me encaixar, para adentrar ao mundo profissional, por mais improvável que pudesse parecer, eureka! Foi certa a carreira que ali se apresentou

para mim naquele instante, boas vindas a Naturologia Aplicada! Simplesmente era tudo! E por sinal ainda não deixou de ser, que precisava para me realizar pessoal e profissionalmente. Uma verdadeira odisséia de conhecimentos das áreas de humanas, biológicas e da saúde, onde o ser humano é pensado de forma multidimensional, e o seu cuidado permeia as dimensões sociais, físicas, mentais e emocionais. Tudo isso abordado pelos aspectos das práticas integrativas e complementares em saúde, as quais visam além da ampliação, conservação e restauração da saúde, o aperfeiçoamento constante da qualidade de vida e do equilíbrio do ser, nas esferas ecológico-ambiental e com a sociocultural. Porém este encontro teve que ser adiado, por circunstâncias estruturais, financeiras dentre outras, já que até o momento presente este curso só é ofertado em raras instituições privadas a custos exorbitantes no sudeste e sul do país.

Então a estratégia foi adequar-se as possibilidades reais e dentre estas o curso de Educação Física foi o escolhido para o início desta jornada. Mas, como o universo conspira sempre a favor! Foi logo dentro dessa minha escolha universitária que tive o prazer da primeira experiência profunda com as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PICS, por meio da Biodança. A partir daí e de tantas outras vivências com práticas corporais e práticas integrativas e complementares que os passos foram se tornando cada vez mais firmes. Esses permearam minha formação acadêmica e profissional, com monitorias de ensino, extensão, trabalhos com grupos, com idosos, em Organizações Não Governamentais - ONG, em Centros de Atenção Psicossociais - CAPS, em uma residência em saúde coletiva - saúde mental até chegar o presente momento da inserção na saúde da família, em mais uma pós-graduação.

### **3. O grande encontro: a natureza, o jardim e seu buquê de flores**

Inicialmente para aflorar estas memórias, remeto-me a uma frase de James Hillman, exposta logo nas primeiras páginas desta narrativa: *“Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a seu respeito.”*

Se o autor me permitisse, eu faria apenas um adendo nesta esplendorosa e desconcertante e realidade, esta vida não é só humana é vida em sua total plenitude, a qual transborda qualquer capacidade de entendimento, delimitá-la, especificá-la, restringi-la ao humano, torna-se apenas mais uma forma, talvez de tentar compreendê-la.

Porém, de todo modo, talvez este entendimento centrado no ser humano seja, um dos maiores impulsionadores das grandes descobertas, no campo da existência como um todo. Essa vertente edificou o paradigma da sobrepujança humana em detrimento a sua

própria matriz mantenedora, a natureza. Assim, esta segregação desencadeou o distanciando do ser humano de si mesmo, já que este passou a negar a sua própria condição biocêntrica, na medida em que limitou sua capacidade de reconhecer-se no outro.

A concepção que o universo é um sistema vivo e que a vida impregna tudo o que existe, dando suporte à totalidade é a insígnia do princípio biocêntrico, onde “a dinâmica da vida é a expressão da vida” (FLORES, 2006, p. 173). Portanto, este sistema centraliza a defesa da vida e o cultivo da afetividade, propondo sua sacralidade, de modo que “todos os objetivos humanos devem pôr-se a serviço da conservação da vida e a promover sua otimização” (TORO, 2006 p. 169). Neste sentido, conduzo minha viagem pela saúde da família por meio do entrelaçar desta concepção, a qual ao imprimir singeleza, revela um extremo desafio.

Quando iniciei o mergulho na Estratégia de Saúde da Família estava tomada de expectativas para o ato de vivenciar uma nova concepção de cuidado, o qual para mim sempre permeou a interação consigo mesmo, com o outro e a entisica natureza que nos permeia. Isto virou para mim, sinônimo de auto cuidado.

É como muito bem diz a canção: “Cuidar do outro é cuidar mim, cuidar de mim é cuidar do outro, é cuidar do eu é cuidar do nós”. Então, como seria extraordinária a experiência de nos cuidarmos! Porém, foi chegado o momento em que expectativa e realidade se encontraram e foi justamente aí que adaptações tiveram que ser feitas...

A primeira delas foi desmistificar o ideal do real e isso já foi uma grande vicissitude. Como assim, as leis também “são mortas” na Estratégia de Saúde da Família? E onde ficam as políticas, os profissionais, as pessoas diante desta dissonância?

Na deriva de tantos questionamentos, peguei-me pensando incansáveis vezes, como transformar uma realidade tão dura, nua e crua. Seria mais uma utopia juvenil? E se fosse, qual era mesmo o problema de encarar isso. Mil perguntas, para uma única resposta.

Este é o mundo real, pessoas adoecidas, sofridas, subjugadas, violentadas, medicalizadas, marginalizadas, manipuladas e também alienadas. Um ciclo vicioso de perdas e ganhos dentro da roleta da “sobrevida”. Mas há quem diga que isso tudo não passa de uma grande adaptação natural às adversidades humanas e sociais, afinal popularmente se diz: Basta está vivo para se está morto.

Então a vida é isso um caminho já morto? O que é mesmo está vivo ou está morto? Isso pode soar até meio bobo de pensar... Alguém pode falar, é só você parar de respirar... Mas será que é só isso mesmo que define este estado, e será este um estado? Perguntas e mais perguntas... Todavia, os descompassos do acaso desenharam o eloqüente encontro com a singela e inquietante vida de 83 anos de idade que me instigou soprando assim: “Eu, eu tô aqui, mas se bem na verdade, eu já nasci morta...”

Para iniciar essa prosa, trato dessa forma porque foi bem assim que tudo começou, com um dedo de prosa e que prosa! Na recepção da Unidade de Saúde da Família - São Judas Tadeu, situada no bairro, Jardim Pérola Negra, no município de Lauro de Freitas-Ba.

Um convite, uma insistenciazinha de cá, uma chamegozinho de lá e Dona Dália, nome fictício, mas escolhido com muito apreço para expressar os predicados desta dona moça flor, que resolveu nos dá a honra de sua companhia nas manhãs das segundas-feiras no grupo de caminhada que acabara de ser formar.

Dona Dália não era de muita conversa, mas do seu jeito discreto e sorrateiro conduzia o verbo direto e ligeiro e foi em uma destas disparadas que as longas primaveras vividas de Dália fez tropejar no meu grande sertão. Nós caminhávamos pelas ruas entorno da unidade e esse percurso não era muito extenso, mas era o bastante para alguns dedos de prosa.

Certa feita, em minha tagarelice, igual a menino travesso que arruma a pedrinha o bodoque, soltei: Do que a senhora mais gosta de fazer? E a flor do bairro Jardim Pérola Negra me sacudiu com a sua forma de desabrochar: “Eu não gosto de nada não, nunca gostei... minha mãe já dizia... Eu, eu tô aqui, mas se bem na verdade, eu já nasci morta...”

Aquelas palavras me pegaram de jeito, e ao engolir a saliva a seco, enquanto me refazia do traquejo, demandei com a voz ainda abafada, depois de alguns minutos: Como assim, já nasceu morta? E a Dália se inclinou para o sol dizendo: Morta, assim quando a gente não dá pra nada mesmo...

Neste mesmo instante, me vi viajar no tempo e sentir o papear do poeta Augusto dos Anjos (1996, p. 28)

Eu sou aquele que ficou sozinho  
Cantando sobre os ossos do caminho  
A poesia de tudo quanto é morto!

Assim, passei dias e dias pensando nas verdades exaladas pela dona flor Dália. Toda uma existência e apenas um significado: dor. A vida ou a morte de Dália não deve ter sido ou ainda está sendo um mar de rosas... No jardim que ela brotou houve muitas intempéries e a flor pode apenas resistir a vida ou a sua morte. Mas será que não houve nada, além disso? Já que a Dália nunca se viu flor, apenas esforço e dor, muita dor...

As manhãs foram surgindo e as tardes chegando, e a Dália se abrindo e se fechando. Em um dos agora, freqüentes passeios, minha abelhudice atraída pelo aroma da flor alegou: Nestas 83 primaveras tem alguma coisa que deixou saudade? E prontamente a flor salteou: Tem né o trabalho... Esse eu fazia com gosto... Não era fácil não, era pesado mesmo... (mostrando as suas maduras pétalas) Deve ser por isso que dói tudo... mas bom era, ô se era...

Desse jeito, logo de inicio recordei, que para cuidar de flores não poderia apenas ofertar borrifadas de analgésicos, pequenos refrigérios fisioterapêuticos, adaptações físicas, ou nutricionais, afinal as flores fazem parte da natureza e como tal necessitam de uma terra fértil, de sol e água.

A natureza como tem a sabedoria em si mesma, direciona a todo momento como precisa ser cuidada. E com Dália não foi diferente, ela dispensava seu aroma, deixava tocar em suas pétalas, semeava seu pólen e mesmo que não percebesse aguardava o orvalho revigorante do amanhecer...

Talvez, pelo transmutar natural das suas experiências, Dália não conseguia sentir-se parte do jardim que a integrava, e isso era justamente o que mais a intimidava. Estar em um ambiente que não era o seu, fez com que a flor resistisse a ser flor e como forma de sobrevivência ou condolência esta assim permaneceu no anonimato de si mesma pelos seus duradouros anos.

Mas será que apenas o meu olhar conseguia enxergar a flor na Dália? Ou será que a minha imaginação florescera deveras? Contudo, foi exatamente aí que deparei-me com a melodia da vida ou morte na voz da cantora Cláudia, que ano 1974 espirou o seu "Desabafo":

Deixa, deixa, deixa  
eu dizer o que penso desta vida  
preciso demais desabafar!

Suportei meu sofrimento  
De face mostrada e riso inteiro  
Se hoje canto meu lamento  
Coração cantou primeiro

E você não tem direito  
De calar a minha boca  
Afinal me dói no peito  
Uma dor que não é pouca  
Tem dó!

Deixa, deixa, deixa  
eu dizer o que penso desta vida  
preciso demais desabafar!

E foi assim, eu pude compreender a dor, o sofrimento de Dália. O seu desabafo agora circundante de forma intensa no jardim proporcionou eficiência no manejo do seu próprio cuidado. Ouvi-la, deixá-la falar, instigá-la, no entanto, respeitar o seu discurso e principalmente o seu silêncio, era sem duvida a melhor forma de ofertar cuidado, para aquela flor.

Já dizia o filósofo e poeta libanês Khalil Gibran: “*Esiste un momento in cui le parole si consumano e il silenzio inizia a raccontare*”. Pois é, no idioma italiano estas palavras anunciam que: “Há um momento em que as palavras são consumidas e o silêncio começa a contar”. Tradução nossa. E é bem a partir da narrativa desta quietude que nos ateremos neste momento.

Nossa flor Dália, bem como o autor acima mencionado, traz uma reflexão sagaz e no mínimo interessante sobre o silêncio. Quando nos portamos a este tipo de linguagem nos deparamos com o incômodo do desconhecido. Chega a ser até engraçado pensarmos nisso, como algo tão inerente a vida pode causar tanto caso!

Se pararmos para refletir bem, talvez seja nos momentos de inação que boa parte que compõem nosso ser opera, é como o estágio profundo do sono, onde as maravilhas da regeneração celular acontecem ou nas instigantes nuances que subconsciente é capaz de conduzir. Logo, tudo vai depender de quem observa.

Por mais pungente que o silêncio possa ser, no emaranhado onde se encontra, aos poucos vai ganhando feição e na medida em que este denso grão vai cedendo espaço as ramificações de vitalidade que ali concentra, o milagre da vida em plena transformação surge. O silêncio desse modo conserva-se no inverno, mas sabiamente anseia a primavera.

Essa tão melindrosa etapa evidencia o universo anônimo que está em cada um de nós, o qual ainda temos dificuldades em conceber. Diante disso Khalil Gibran (1970, p.15), nos lega mais uma vez:

Tudo o que somos hoje nasceu daquele silêncio de ontem. Somos muito mais capazes do que pensamos. Quando o conhecimento oculto na alma se manifesta, ficamos surpresos conosco mesmos, e nossos pensamentos de inverno se transformam em flores, que cantam canções nunca antes sonhadas. A vida sempre nos dará mais do que achamos que merecemos.

Partindo do silêncio como instrumento terapêutico, o itinerário de cuidado tecido com Dona Dália, a nossa flor, foi traçado nas bases sólidas das atualmente denominadas, Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), as quais serão explanadas no próximo capítulo, como virtuosas ferramentas de cuidado.

#### **4. PICS: ferramentas para o cuidado do jardim**

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) vêm sendo implantadas no Sistema Único de Saúde (SUS) por meio da Portaria nº 971, de 03 de Maio de 2006, com a instituição da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

As PICS traçam uma jornada de encontros. Esses entrelaçamentos se dão por meio da escuta acolhedora, na construção do elo terapêutico e no resgate da apropriação dos seres humanos com o ecossistema e o meio social. Essas dispõem de métodos e estruturas terapêuticas que visam ativar os recursos natos e essenciais de precaução do adoecimento e da restauração da saúde (BRASIL, 2006).

Isto posto, os arcações que constituem as práticas integrativas e complementares em saúde sinalizam a necessidade de reunir a diversidade de conhecimentos que permeiam o social, seja ele científico cultural e/ou popular. Desta forma:

As Práticas Integrativas incitam mudanças de hábitos de vida e estimulam a participação ativa das pessoas frente a sua experiência do viver. Propõe uma inversão do paradigma da doença para a saúde, pois se trata de se obter equilíbrio entre mente, corpo e espírito, o que, pela sua abrangência e profundidade, traz redução da dependência dos serviços médicos, humaniza as relações profissionais e cria vínculos e acolhe cada um por inteiro (BRASIL, 2013, p.46).

Com ampla perspectiva do processo saúde/adoecimento, as PICS têm ênfase no desenvolvimento absoluto da atenção humana, em especial no cuidar de si mesmo. Para tanto o desvelo desta forma de atuação está na potência da atenção e ação que cada ser exerce sobre si mesmo, na intenção de conservar e aprimorar a qualidade de vida, regidos pela responsabilidade, autonomia e liberdade na seleção dos instrumentos para sua efetivação.

Neste sentido, o fortalecimento do autocuidado é inerente as metodologias das PICS, já que estas vêem o ser humano em sua forma íntegra e complexa. Portanto, é por intermédio desta ampliação do modelo de atenção a saúde, que o atendimento e o acolhimento dos usuários devem respeitar as particularidades dos seus aspectos, os quais perpassam a esfera do emocional, do psíquico, do físico e do social.

Desta forma as PICS, apontam para a eloquente necessidade de transmutação do paradigma vigente, sustentado pela lógica intervencionista centralizada na patologia. Essa mudança visualiza um cuidado verdadeiramente integral, onde todas as ações estão voltadas para a saúde do ser e este sempre deve ser o único foco.

Destarte, será possível zelar da vida humana com êxito, na medida em que a integralidade, a singularidade e a complexidade sejam o foco das conduções em saúde, resguardando sempre as relações sociais e culturais. Essas estratégias fortalecem a vínculo entre aqueles que ofertam o cuidado e aqueles que recebem o cuidado, oportunizando a empatia e a valorização humana.

No contexto da Atenção Básica a oferta das PICS, simboliza um grande avanço, que favorece a interação dos usuários deste sistema, com as inúmeras experiências de aprimoramento humano, conscientização ecológica e social.

A aproximação da comunidade com as matrizes do seu desenvolvimento propicia uma dinâmica co-criadora, capaz de intervir de forma criativa e dinâmica em questões de alta complexidade de resolução, como as disparidades econômicas, ambientais, sociais e culturais.

Retornando ao Jardim Pérola Negra e o cuidado com a flor Dália, posso assegurar o quão inspirador foi esta experiência compartilhada de vida ou morte como queira a própria Dália. A cada encontro que tínhamos era uma surpresa precursora de novas maneiras de lidar com as ditas “coisas da vida”.

As tais coisas da vida era freqüentemente citada não só por Dália, mas pelo restante das flores e cravos do jardim. Certa feita, perguntei ao buquê de flores que se apresentava para mim, após uma das praticas corporais ofertadas nas quartas-feiras no calor das tardes na unidade de saúde pelo Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), se estas tais coisas teriam alguma solução, e a resposta veio a calhar: se tem eu não sei, mas o que eu bem preciso é me encontrar...

Que choque! Acho que até hoje ainda permaneço neste estado! “Se tem eu não sei, mas o que eu preciso é me encontrar”!

Bravo! Bravo reluzente Margarida, em sua delicadeza e sublime inspiração nos trouxe a necessidade deste enfretamento e descoberta do si mesmo, é preciso se encontrar!

Como não podia faltar entusiasmo de todas as partes, minhas impressões musicais me levarem a rememorar a sabedoria da música popular, que mais se parece com um compasso altruísta, cantarolada pelo grande Cartola em 1976, “Preciso me encontrar”:

Deixe-me ir  
Preciso andar  
Vou por aí a procurar  
Rir pra não chorar

Deixe-me ir  
Preciso andar  
Vou por aí a procurar  
Sorrir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer  
Ver as águas dos rios correr  
Ouvir os pássaros cantar  
Eu quero nascer  
Quero viver

Deixe-me ir  
Preciso andar

Vou por aí a procurar  
Rir pra não chorar

Se alguém por mim perguntar  
Diga que eu só vou voltar  
Depois que me encontrar

Ao surgir esta provocação, inúmeras inquietações foram assimiladas no cuidado com a flor Dália! Principalmente no que tange o seu discurso de vida ou morte. Quando ouço a canção “Preciso me encontrar” tenho a sensação de alguém que já transbordou a idéia de encontrar o próprio rumo, e segue no sentido de compreensão da existência, seja ela em vida ou em morte. Isso permite a mudança de prumo no vasto universo das possibilidades, as quais se alargam nos horizontes também da transcendentalidade.

Desta forma, a referência de vida ou morte de Dália, se conflui com a melodia sabiamente ensinada sobre o desprendimento, uma vez que auxilia na apreensão de formas de aprimoramento humano, no sentido de superar os desenlaces apresentados pela enigmática existência.

Tenho certeza que as vistas ao pairarem no trajeto dessas linhas, iram questionar, aonde mesmo as PICS de fato conduziu as experiências vivenciadas no jardim perola negra.

De fato, foi realizada uma diversidade de atividades tendo as PICS, como facilitadora. Dentre elas estão a Biodança, o Lian Gong, a Dança circular, a Meditação, o Do In, a Bioenergética, o Chi Kung, a Automassagem, além das práticas da Capoeira, do Samba de roda, das Dançaterapia e dos Jogos cantados. Essas atividades suscitaram um arcabouço fantástico de sabedoria, aprendizado, partilha e conhecimento, das quais tenho muita gratidão por poder vivenciar-las.

Cada momento experienciado em meio as flores e os cravos do jardim foram fundamentais para o despertar da borboleta na minha pessoa. Falar deste assunto chega a marejar os olhos, já que me considero ainda por sair do casulo sem falar que a idéia de me encontrar de fato como uma borboleta traz o sentimento de ter estas fervilhando como bolhas de sabão ao sol em meu interior!

De veras, todas as vivencias durante um ano, no jardim perola negra, em especial no florido recanto chamado grupo Felicidade ou Felicidade como era tido por alguns, reafirmaram o meu encontro na atitude do cuidar. Este ao meu vê nada mais é que uma surpreendente forma de fusão na própria existência, pois só partir do encontro com outro que reconhecemos a humanidade que nos constitui.

Entretanto é basilar comunicar a vertente na qual as PICS aqui se inserem. Trago esta discussão como dispositivo de redescoberta da conduta terapêutica, que deve partir da habilidade de cultivar a espontaneidade e criatividade de cada momento. Essas

experiências visam o enftretamento individual e coletivo diante a segregação e destituição do poder dinâmico do autoconhecimento humano, o qual está centrado no poder da consciência harmônica e libertadora do cuidar de si e do mundo, pois para esta perspectiva tudo está interligado.

É como observarmos o ciclo constate da vida, a terra que nos alimenta hoje, amanhã será nutrida por nos mesmos. O prisma harmônico da natureza sinaliza a inteligência que habita em nós, que transcende a matéria orgânica e nos direciona para a consciência existencial que somos.

As PICS neste ponto fomentam algo muito maior, uma vez que transcende as técnicas, os procedimentos e os manejos e apresenta-se como postura de cuidado que preza a totalidade do ser em suas complexas dimensões. Mediante a esta premissa, é fundamental enxergar o ser humano como de fato ele se apresenta, prezando pela observação e compreensão dos seus sentidos e não reduzi-los a apenas seus corpos, tornando os objetos a serem testados e provados cientificamente.

Para tanto é primordial compreendermos o pensamento ocidental, o qual está centrado no método científico de Descartes, que atrelado ao reducionismo e os estudos sistemáticos das partes e não do todo, direcionam a concepção do processo de saúde e doença vigentes atualmente.

Nesta estrutura existe a incessante necessidade do rastreio da doença, já que este com o padrão linear, parte da seqüência de sintomas e sinais, em busca de uma classificação por parte do profissional, o qual irá avaliar o seguimento referido para tentar identificar uma doença e após ocorrer o reconhecimento desta, chegar à possível causa, incutindo na intervenção medicamentosa em quase totalidade dos casos, visando sanar prioritariamente a sintomatologia apresentada.

Desta forma, o cerne da questão está em identificar os fatores de adoecimento com base nas manifestações, as quais a depender serão direcionadas a setores e especialidades diversos. A concepção oriental difere completamente, pois parte da visão sistêmica, global, onde o ser humano é visto dentro do todo que é, e do qual faz parte.

Assim, não se está apenas em busca da suspensão dos sintomas apresentados, mas sim de compreende-los, já que os mesmos são vistos como mecanismos potentes de proteção biológica humana, e são através deles que a leitura do interno se apresenta para o externo, sem necessidade de utilização das desenfreadas e invasivas parafernálias tecnológicas.

Por conseguinte, a doença se apresenta como desequilíbrio entre o todo sistêmico, onde os sintomas devem ser manejados e não barrados, com o intuito de identificar como o organismo reagiu ao fator desencadeador. Será baseado nisso, que as condutas iram ser

direcionadas em prol do restabelecimento do equilíbrio para que o próprio organismo com a destreza extraordinária que tem, suplante este fator.

Predominantemente esta recuperação está atrelada a auto-compreensão do processo de saúde e adoecimento, na auto-observação, na alteração dos hábitos relacionados aos fatores correlacionados e no estar em equilíbrio com natureza predominante. Neste sentido, o olhar sobre o processo de saúde e adoecimento emana da compreensão do organismo, enquanto ser vivo, em sua total vitalidade, e não do estudo em seu estágio inerte.

Realmente é muito difícil romper as barreiras ideológicas arraigadas na construção do saber fazer, instalado há décadas em uma cultura extremamente monopolizada pelo sistema individualista e opressor norte-americano. A concepção de saúde no ocidente não é diferente da perversa lógica social capitalista, já que a mesma gira em torno de números e não de pessoas, seu maior objetivo é a produtividade e não a qualidade.

Um grande exemplo desta distorção são os serviços ofertados nas Unidades de Saúde, os quais em sua devastadora maioria são focados na doença e não na saúde da população. Estas, por ironia do destino, se assemelham aos “planos de doenças” ofertados a população tanto pelo setor público (vergonhosamente, pois descaracteriza o SUS) como pelo setor privado.

Onde ofertar procedimentos e manejos centrados nas doenças ou na prevenção ou na possibilidade de existência dessas é prover saúde? Creio que as nomenclaturas desses serviços teriam que mudar, visto que estes estão relacionados a doenças e não a saúde. Algo como Unidades de Doenças acometidas ao indivíduo e ao coletivo, refletiria melhor a realidade atual.

Talvez não seja fácil para compreensão, a idéia de serviços que privilegiasse a saúde humana. Porém, um exercício não tão distante da realidade cotidiana faça desvendar os horizontes para tal.

Pensemos na idéia cujo, os espaços, oferecessem atividades que possibilitem o desenvolvimento das capacidades e potencialidades humanas, como a arte, a cultura, a corporeidade, o lazer, imerso na inteligência emocional, afetiva, relacional, corporal, alimentar, ambiental, financeira dentre tantas outras que compõem a diversidade e coletividade humana.

De certo, que para vivenciarmos tais habilidades em conjunto com as 29 PICS (apiterapia, aromaterapia, arteterapia, ayurveda, biodança, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, dança circular, geoterapia, hipnoterapia, homeopatia, imposição de mãos, medicina tradicional chinesa, medicina antroposófica, plantas medicinais/fitoterapia, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, ozonioterapia, quiropraxia reflexoterapia,

reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, terapia de florais, termalismo social/crenoterapia e yoga) reconhecidas hoje pelo SUS, teríamos que ter algo muito precioso, o qual nos é afanado a todo o momento, o tempo.

No ditado popular se diz que tempo é dinheiro, então será que quando se falta tempo, está sobrando dinheiro? E o que isso tem haver com saúde ou com o processo de adoecimento e com a doença propriamente dita?

Para responder estas perguntas, primeiro vou me ater a uma instigante frase do brasileiro, doutor em medicina Lair Ribeiro: “Quem não tem tempo para cuidar da saúde, terá que ter tempo para cuidar da doença.”

Isso mesmo, cuidar da doença custa tempo e dinheiro e zelar pela saúde custa tempo, mas não necessariamente dinheiro. E para entendermos precisamos destrinchar esta lógica. O sistema qual hoje somos subjugados mercadologicamente, nos coloca em uma situação de escravidão laborativa, já que trocamos 5 dias trabalhados por 2 dias no máximo. E o pior é que achamos isso super normal, não temos tempo e tão pouco liberdade para desfrutar a vida, já que “os tempos modernos” consomem no mínimo 8 horas diárias, 5 dias na semana do nosso pulso existencial.

Dentro da cronometro das 24 horas, 8 horas de trabalho, 8 horas de sono, 3 horas de refeições, 2 horas de deslocamento, 1 hora de necessidades fisiológicas e de higiene pessoal, 1 hora de afazeres domésticos diários, ao final de um dia, sobrou apenas 1 hora se formos matematicamente exatos em cada uma das atividades descritas.

Esta incessante e tortuosa rotina revela o ciclo vicioso que aprisiona os seres humanos na famosa corrida dos ratos (conceito criado pelo escritor Robert Kiyosaki) em que a população de hoje é comparada aos ratos de laboratórios, os quais aprisionados em rodas ou labirintos ficam incessantemente correndo, tentando escapar inutilmente. Nesta analogia, os seres humanos assim como os ratos, sofrem um excessivo, irrelevante e autodestrutivo dispêndio de energia percorrendo aleatoriamente os incansáveis vieses das doutrinas econômicas, que se findam na inexistência de propósitos sejam eles individuais ou coletivos. Da mesma forma, o escritor Leonardo Boff, sabiamente nos recorda:

O que nossa civilização precisa é superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-dominação. Ela nos mantém reféns de uma lógica que hoje se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, das relações entre os povos, das interações entre capital e trabalho, de espiritualidade e de nosso sentido de pertença a um destino comum. Libertados dos trabalhos estafantes e desumanizadores, agora feito pelas máquinas automáticas recuperariamos o trabalho no seu sentido antropológico originário, como plasmação da natureza e com atividade criativa, trabalho capaz de realizar o ser humano e de construir sentidos cada vez mais integradores com a dinâmica da natureza (BOFF, p.52,1999).

Diante desta estarrecedora constatação, como podemos pensar saúde dissociada também do tempo, do ócio e do trabalho?

Quando adentro na profundidade dessas reflexões, meus pensamentos percorrem as sonoridades de minha identidade musical. Daí a arte me arremata e me leva para os confins de sua inspiração. Trago isso aqui e agora, porque esta forma de devanear os processos da vida me toma como esplendorosos vaga-lumes em plena escuridão noturna. E é bem assim que um trecho da canção, Menino também chora (Guerreiro menino) do saudoso cantor Gonzaguinha, surge em meio desta contemplação, e ele diz:

(...) É triste ver meu homem  
Guerreiro menino  
Com a barra do seu tempo  
Por sobre seus ombros

Eu vejo que ele berra  
Eu vejo que ele sangra  
A dor que tem no peito  
Pois ama e ama...

Um homem se humilha  
Se castram seu sonho  
Seu sonho é sua vida  
E vida é trabalho

E sem o seu trabalho  
O homem não tem honra  
E sem a sua honra  
Se morre, se mata (...)

Tenho certeza que o tempo e o trabalho acertado nestes versos destoam da ação alienada que os mesmos equivocadamente desencadeiam na contemporaneidade. Bem recorda Michel Foucault (1973) ao tratar o trabalho como uma declaração histórica típica da sociedade capitalista que precisa de uma totalidade de organizações para cumprir a incumbência de furtar o tempo vital da humanidade em prol da produtividade, além da dominação dos corpos com a finalidade de convertê-los em mão de obra.

Contradições e críticas a parte, direções precisam ser apontadas e novos pensares devem ser semeados, para quem sabe em tempos longínquos mudanças de fato ocorram. No entanto, lembremos sempre: “O ócio não é a negação do fazer, mas ocupar-se em ser o humano do homem.” (Oswald de Andrade).

E é assim que me despeço desta longa prosa sobre o Jardim Pérola Negra, porém de fato, ainda estamos na metade do caminho e é por isso que a logo a seguir continuaremos a esta conversa com em meio a novos horizontes.

## 5. Conhecendo os jardineiros: VIEP e VISAT

O planeta terra é a nossa casa! E como é que lidamos com essa morada? Boa pergunta não! E para respondê-la fui falar com quem é de direito, ora! Assim dentre minhas andanças e mudanças de cenário, fui parar em um diminuto parque, onde se reuniam um grande número de jardineiros. Estes eram agrupados de acordo com temáticas específicas, e em determinados momentos encontravam-se para situar suas práticas.

Inicialmente, situei-me na relva da Vigilância Epidemiológica (VIEP) e logo percebi que os jardineiros que ali “se desencontravam”, assim estavam na tentativa de realmente “não se encontrar”! Engraçado isso né! Como pares de um mesmo ambiente, podem seguir uma lógica de desorganização organizada? No entanto, o serviço fluía, bem ou mal seguia conforme as regras pré- estabelecidas. Tudo que devia ser feito estava descrito em inúmeros protocolos, todos disponíveis para consulta, porém sem nenhuma brecha para serem questionados. O trabalho é mecânico e o sistema precisa ser alimentado, os índices atualizados e as metas batidas, tudo isso e só isso lamentavelmente é o que de fato importa...

Ao longo da minha estadia com os Jardineiros “Viepenses” se assim posso chamá-los, notei o quanto é duro e desleal a luta contra a própria natureza que nos compõe. Vejamos a guerra contra os vírus, as bactérias e todos os microorganismos que pela luz da ciência ocidental, são os principais desencadeadores das doenças e agravos endêmicos, visto que o problema não está no hospedeiro e sim no hóspede, e a compreensão do equilíbrio e da infinita diversidade sinérgica dos microssistemas que nos caracteriza é aprisionado assim como no *saeculum obscurum* da idade das trevas.

Permito-me um adendo para fundamentar a visão mesmo reducionista do ser humano. Se bem que na verdade, somos sem sombra de dúvida, o mais complexo e harmonioso conglomerado de vírus e bactérias que já existiu! Dos setenta trilhões de células que nos constitui 60% é formado por vírus e bactéria e apenas 40% possuem o DNA humano (SENDER, FUCHS, MILO 2016).

Sendo assim, sobre o ser humano, o ser natureza talvez diga muito mais sobre nós do que possamos imaginar, visto que o bioma enigmático que somos opera perfeitamente, sem nenhuma tutela, comando ou instrução, apenas existe, e na sua existência flui. É como bem expôs o fundador da química moderna: “Na natureza nada se perde e nada se cria tudo se transforma”.

No entanto, é chegada à hora de retornarmos para a realidade dos jardineiros que aqui dialogamos. Estes têm que está sempre atentos e vigilantes ora! Além de treinados

para serem perspicaz na identificação e controle de possíveis desastres, pois a qualquer momento podemos ser atacados pelos meliantes invisíveis de alta periculosidade, responsáveis pelas mortes de centenas de milhares em tempos remotos e quiçá no presente-futuro...

Gracejos a parte, me questiono aonde todo este percurso vai dá? Será mesmo que não temos algo a mais para se inquietar? Será que a natureza é tão ilógica e falha assim? E essa tal tecnologia veio mesmo para nos salvar ou selecionar, controlar e comandar? Salvar de quem mesmo? Será que de nós mesmos? Um turbilhão de pensamentos e as mesmas dúvidas ecoam na mente travessa e no peito afoito...

Como suscitar uma outrora e futurista forma de enxergar os processos que nos cercam aquilo que nos toma cotidianamente? Sei que as normas estabelecidas têm que ser cumpridas, o maquinário tem que girar, as ferramentas dos jardineiros fazem sentido nas regras atuais! Mas até quando? Será que ainda podemos usar a filosofia da antiguidade nos tempos atuais, ou ainda temos resquícios da inquisição? É proibido ou permitido pensar?

Vejamos o ciclo perfeito da natureza, nele existe algum lugar para o extermínio de espécies ou substituição de algum recurso imediatamente? Creio que não, mas caso haja, tenho grande apreço em reformular os conceitos que até aqui me conduziram. Até onde meus conhecimentos alcançaram, o equilíbrio é o que nos trouxe até o presente momento.

Desta forma, o ecossistema tem a sua equivalência e soberania ao constitui-se como tal, posto que este define a vida, propondo uma forma corporativa totalmente lógica e mantenedora de si mesma. Uma pena que esse mecanismo foi subtraído das conduções dos sistemas organizativos humanos, o qual sempre explorou indiscriminadamente os recursos naturais disponíveis e instituiu a infligida cultura do especismo, sem pensar na conservação vital.

Diante deste cenário, como requerer que alguns poucos jardineiros de certa vegetabilidade, possam pensar e agir de maneira diferente? Seu labor está condicionado no paradigma protocolar, procedimental que separa a humanidade da natureza a sobrepondo perante qualquer ciclo existencial. Não há uma filosofia de integração, e sim de segregação, humanos x natureza.

Às vezes olho os jardineiros e os vejo apenas como suas próprias ferramentas, com grande potencial, mas restrita ao seu fazer mecânico... Quando me demoro no olhar vejo rostos sofridos, entediados, com tanta dor, que mesmo com as máscaras que muitas vezes são obrigados a usar nas conformidades sociais, o sofrimento dói e a lágrima borra o sorriso

maquiado do artista, e o seu riso ecoa no fundo, o gemido de quem engole o choro penoso de cada dia...

Deveras, ser um jardineiro, uma ferramenta do sistema, não é nada fácil, esvaece o elixir que mantém a vida e aos poucos a automatismo ocupa o mesmo espaço que a dor ocupa. Daí, rememoro uma das mais belas e doídas verdades concebidas em versos, pelo grande artista Gilberto Gil “Copo Vazio” em 1974:

É sempre bom lembrar  
Que um copo vazio  
Está cheio de ar

É sempre bom lembrar  
Que o ar sombrio de um rosto  
Está cheio de um ar vazio  
Vazio daquilo que no ar do copo  
Ocupa um lugar

É sempre bom lembrar  
Guardar de cor  
Que o ar vazio de um rosto sombrio  
Está cheio de dor

É sempre bom lembrar  
Que um copo vazio  
Está cheio de ar

Que o ar no copo ocupa o lugar do vinho  
Que o vinho busca ocupar o lugar da dor  
Que a dor ocupa a metade da verdade  
A verdadeira natureza interior  
Uma metade cheia, uma metade vazia  
Uma metade tristeza, uma metade alegria  
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor  
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor

É sempre bom lembrar  
Que um copo vazio  
Está cheio de ar

Quando pensamos em doenças e agravos no campo da Vigilância Epidemiológica, toda a atenção está voltada para a prevenção e contenção dos vírus e bactérias que desencadeiam adoecimento na população. Os instrumentos de plantão para este embate estão focados a maior parte na prevenção e o seu maior aliado é o calendário vacinal.

Durante muito tempo a vacina foi alvo de resistência da população mundial, que nunca viu com bons olhos este procedimento no cuidado. Sobre estes fatos poderíamos nos remontar aos grandes marcos históricos a este respeito, mas teríamos que nos alongar demasiadamente, posto que a história sempre muda a depender de quem a conta... E talvez

os bastidores desta, ofuscassem o brilho dos louros colhidos por alguns em certas épocas e surpreendentemente no momento atual.

Questionar sempre foi preciso, mas me parece que este ato de liberdade está cada vez mais suprimido. Em alguns cantos do mundo, onde a cultura é mais predominantemente coletivista, as pessoas se unem e urgem aos quatro cantos o seu direito de voz, de vez e lugar... Não aceitam tão facilmente a imposição de determinados cartéis financeiros sejam eles, governamentais, industriais, alimentícios ou farmacêuticos. Na terra do individualismo quem tem um ao outro impera.

Cada vez mais a “madrustria” (Uma combinação bem sarcástica da madrasta com indústria), se sobrepõe a “maetureza” (A junção romântica da mãe com a natureza). Devaneios e novas denominações a parte, em nenhum momento pude observar uma sensibilização por parte dos cansados jardineiros no que diz respeito à necessidade de compreensão do transcurso natural da vida ecológica.

Essa conjuntura realmente é bastante desafiadora, dado que canalizar a tensão para o foco na saúde e não na doença, causa uma sensação de desconforto geral, não apenas no campo, profissional, intelectual, mas da própria vida. Tudo aquilo que foi apreendido veementemente um dia, hoje por ventura pode não passar de cinzas ao vento... Quão ameaçadora essa possibilidade se apresenta.

Nesta mesma circunstância, apenas com a minúcia da notável falta de reconhecimento e valoração, encontra-se a Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT). Esta abriga somente dois solitários jardineiros que pouco conversam sobre o elo que os unem, sua própria paisagem. .

Neste contexto, ainda que circule em seu próprio ambiente, os jardineiros não se reconhecem no mesmo lugar. Um dos jardineiros é constantemente demandado a cuidar de outros aparatos que não fazem parte do seu horizonte, não conseguindo fluir com consistência e estabilidade necessárias para suscitar a elaboração de dispositivos que venham refletir os avanços basilares em de sua área de atuação. Já o outro, a deveras não se aproxima da realidade diária que se apresenta no contexto laborativo. O “pesar dos anos” hoje é o centro das suas inquietações cotidianas e o que ao invés de instigar o movimento de aproximação acaba por fomentar exatamente o contrário, a segregação.

É tão contraditório e ao mesmo tempo, consternador a realidade partilhada no ambiente em que a primazia da saúde dos trabalhadores deveria fluir, dado que a mesma encontra-se submergida pelo tecnicismo das “super necessidades” das notificações compulsórias que alimentam os sistemas “vitais” de informação. Essa tortuosa constatação

desvela o quão distante do processo de humanização setores da saúde como este se encontra.

Dentro do sistema, a VISAT é uma área invisibilizada, pouco requisitada para seus afazeres, dado que os trabalhadores são “super humanos”, blindados a todo custo, contra qualquer possibilidade de adoecimento. Se por algum acaso, um integrante deixou-se abater, isso é uma questão de falta de profissionalismo, já que o mesmo não soube administrar muito bem seus papéis sociais, descumprindo o *script* tão bem elaborado e proposto para o eficiente operário cumpridor de tarefas. Então só é por questão estatística mesmo que este setor existe, insiste ou resiste...

Sátiras a parte, a Vigilância em Saúde do trabalhador ainda é um arcabouço a ser desvendado, com muitos desafios pela frente, visto que o Clã Estatal superou o controle mecanicista e disciplinar dos corpos, assumindo o controle das subjetividades humanas (ANTUNES, 1999).

VIEP e VISAT ambientes diversos, realidades ambíguas, entretanto todos permeando o mesmo universo da reprodução do perfilamento dos determinantes e condicionantes do seu objeto mister, sem o ultrapassar as barreiras das “cavernas” que nos aprisiona constantemente. Talvez, as sombras vistas na alegoria da caverna de Platão façam muito mais sentido nos tempos atuais e isso assenta em mim as provocações da inusitada canção de nome “Dinossauros” da banda porto-alegrense, Dingo Bells, 2015:

Hoje eu me sinto  
Como decerto se sentiram os dinossauros  
Quando de longe lá no alto avistaram  
Iluminado no espaço sideral

Vinha de cima  
Sobrevoando pelas ruas e telhados  
E parecia dar aquilo que esperavam  
Bem no início da história ocidental

É, talvez  
A sua imaginação  
Esteja tão limitada por problemas reais

Hoje eu me sinto  
Como decerto se sentiram os astronautas  
Quando souberam que de frente para a lua  
Não voltariam pro Cabo Canaveral

Sobrevoavam  
Observando os telhados lá de cima  
E prometiam para todos que esperavam  
Alguma foto da notícia no jornal

É, talvez

A sua imaginação  
Esteja tão limitada por problemas reais

Hoje eu extinto  
Já nem lembro como era no começo  
Quando sabia tudo o que me esperava  
E acreditava ser alguém especial

E parecia que aquela vida era mais uma viagem  
Se algum momento fomos todos dinossauros  
Hoje restamos só poeira espacial

À frente de tantos conflitos e mediante a constante e inerente aflição da sobrevivência visceral, ou seguimos como a epopéia dos eu(s)/dinossauros extintos ou quem sabe a passos curtos com vendas de alheamento sobre os olhos, tal-qualmente o inquietante e tortuoso romance “Ensaio sobre a cegueira” do escritor José Saramago, 1995. Em uma de suas passagens um dos personagens diz: “O medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos...”

Entretanto, apesar da soberania do medo, o desafio do saber lidar com o mesmo, culmina estranhamente em um ímpeto inspirador! Uma vez que a atitude projetada para a compreensão das particularidades humanas, incita a expertise dos feitos tanto de aprender como de ensinar. Isso suscita a incorporação de novos modos de construção e desconstrução dos saberes, os quais vão se transformando ao logo da existência. Como prontamente instruiu o ilustre Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011, p. 21).

Sei que o fato e o ato do filósofo Sócrates do “Só sei que nada sei” não promove status sociais nem tão pouco *Networking* na era pós-moderna, mas resistir é preciso. Mesmo na dureza diária das incongruências dos paradigmas de saberes, é primordial semear possibilidades de frutíferas mudanças.

A árvore que somos há de adubar a terra com o amadurecer de seus frutos. Assim, quem sabe, esta possa deixar emergir com leveza e resiliência, a audácia da tão desafiadora e ao mesmo tempo edificante, imprevisibilidade dos encontros/ vínculos. A confluência dessa primorosa tecnologia de cuidado está centrada no trabalho vivo em ato, o qual não pode ser globalmente capturado pela lógica do trabalho morto, expresso pelos equipamentos e pelo saber tecnológico estruturado, pois se afirma em tecnologias relacionais, nos encontros entre subjetividades que portam um grau de liberdade significativo nas escolhas do modo de fazer esta produção (MERHY, 2002).

Destarte, é no sentido da respeitabilidade das necessidades tanto individuais quanto coletivas, que os jardineiros da VIEP e da VISAT devem trilhar seus caminhos de cuidado. O primeiro passo pode ser dado reconhecendo-se entre seus pares e permitindo a construção conjunta de estratégias para a integralidade das ações de saúde. Desta forma, me despeço dos jardineiros, com um até logo e quem sabe voltamos a nos encontrar pelos campos, algum dia!

## **6. Os paisagistas da Gestão**

Confesso que o início da escrita deste capítulo me foi caro em motivação... Às vezes é preciso deixar assentar as coisas para depois podermos falar delas... E assim foi no tocante do meu transitar enquanto estágio de gestão.

Antes de dialogar com os paisagistas, gostaria de situar a posição deles na estrutura do poderio estatal. Dentro do maquinário público, os paisagistas, codinome acertado por mim, para os gestores de saúde da Superintendência da Atenção Básica (SUPAB) e da Coordenação de Planejamento, Auditoria, Controle e Avaliação da qualidade dos serviços (COPLAC), encontram-se na “cadeia média” de autoridade. Digo isso, porque dentro de suas atribuições está o dever de cumprir ordens que estão hierarquicamente acima de sua governabilidade.

Visto isso, podemos conceber aos paisagistas como parte de grande interferência no sistema de gestão, porém dissociando-os do absolutismo de poder decisório regencial, o qual se consolida a esfera ministerial.

A imersão com os paisagistas da SUPAB e da COPLAC, apesar de breve foi bastante intensa, já que oportunizou uma visão ampliada das inúmeras formas que o SUS é regido ou não, cotidianamente dentro dos setores da saúde no nível municipal.

No tocante a imensa área abarcada pelos paisagistas mencionados, devo alertar que estes experimentam realidades completamente distintas, partindo de suas interações laborativas seguindo até seus processos relacionais. Desse modo, e diante do ensejo de vivenciar os espaços e os desafios que os mesmos agregam, rendo-me a recontar de forma direta e suscita as inquietações que aqui me trouxeram.

Iniciemos, pois com os paisagistas da COPLAC, estes, bem como o próprio nome sugere, formam uma grande equipe multidisciplinar, a qual está subdividida em determinados setores. Apesar de somarem um notório quantitativo de pessoas, em um espaço físico restrito, este percentual ainda encontra-se aquém das demandas cotidianas referentes a esse conglomerado de setores.

Independente dos por menores citados acima, e das fragilidades dos vínculos trabalhistas que tencionam e amedrontam os paisagistas de modo geral, todos os profissionais que ali se encontram têm a exata noção da função que exerce e da necessidade de articulação do trabalho em rede.

E bem verdade, que na tentativa de colocar em prática, algumas ações que se encontram apenas nas inertes folhas de papel, estes paisagistas acabam por apertar os passos e em certos momentos acabam tendo que rever estratégias antes já programadas. Isso pode até desencadear alguma morosidade em determinadas ações, no entanto isso acaba por gerar um processo crítico reflexivo sobre o acontecido, o que reverbere em uma grande ocasião o para o crescimento profissional e qualificação dos serviços ofertados.

Esta capacidade de escuta e aprendizado com os diversos saberes e olhares otimiza as possibilidades de diálogo dos paisagistas da COPLAC com os outros campos de cuidado em saúde, no momento em que estes compartilham dos mesmos espaços de troca, fomentando ações que contribua com o aperfeiçoamento do “fazer” na área da saúde.

De certo que, o fazer em saúde quando se trata de gestão, perpassa por inúmeros entendimentos e esses devem está totalmente esclarecidos não só para população, mas para os próprios integrantes do sistema gerencial. Por isso que os diversos setores têm que estimular a cultura da sociabilidade das práticas, visando dessa maneira a saudável cooperação das estruturas e não a doentia competição entre as mesmas.

A colaboração entre os paisagistas da COPLAC chamou-me a atenção, no sentido da desenvoltura que estes profissionais lidam com as adversidades encontradas na trajetória cotidiana. O apoio mútuo, a capacidade de compreensão, a respeitabilidade dos saberes específicos e o reconhecimento da potência transformadora que a união e a partilha desses conhecimentos têm na realidade do dia-a-dia, firmam uma base de vivências que transcende o âmbito da conjuntura profissional, fortalecendo assim a atmosfera das relações interpessoais.

A harmonia das relações na ambiência laborativa acaba por ser um mecanismo de proteção, sendo capaz de manejar as incumbências do mundo dos afetos. Isso significa dizer que, embora imerso a cenários deletérios, a qualidade no convívio é capaz de proporcionar e até mesmo suplantar fatores adversos em meio a enfiamentos nos ambientes questionáveis de trabalho.

A forma de convivência entre os paisagistas coplaquianos, se assim posso chamá-los! Inspira a viabilidade de transformação, mesmo que paulatinamente do sistema corporativo de trabalho, já que a solidariedade está imbricada em seus processos diários.

Isso acarreta pensar, inclusive, que a produtividade tão requerida atualmente no panorama da sociedade imediatista, possa alcançar naturalmente os índices e metas

estipulados sem grandes sacrifícios, haja vista a fluidez e qualidade do desempenho dos profissionais que estão imbricados num contexto emancipatório, onde suas singularidades são respeitadas, a ética é predominante e o seu trabalho tem reconhecido.

Esses alicerces são basilares para a construção de indivíduos e não de sujeitos que são desprovidos de particularidades e precisam se assujeitar as hierarquias dominantes, seguindo o modelo de excelência em gestão centrado na tirania do sucesso e no “bater” as metas.

O empoderamento dos indivíduos no intuito de questionar a imposição do sistema capitalista apesar de não resolver a violência da subjugação escravocrata do mundo do trabalho, é uma das maiores formas de resistência ao mesmo, já que este permite a integração e reconhecimento do ser social dotado de habilidades e recursos que juntos ao apoio dos demais, formam estratégias de enfrentamento e persistência com vistas à transformação do paradigma da automatização e robotização humana.

Destarte, cuidar das relações humanas no ambiente o qual se convive diariamente, em especial o trabalho, aqui abordado, demonstra uma grande evolução e perspicácia no âmbito das relações contemporâneas, tão acostumadas com a racionalidade, objetividade e neutralidade no que tange as praticas laborais. Portanto, se faz primordial discutir como se materializam as relações de trabalho na sociedade líquida moderna, onde as pessoas precisam se reinventar constantemente para não se tornarem obsoletas, o ter é mais importante que o ser, e absolutamente nada foi feito pra durar (BAUMAN, 2008).

Este progresso, apesar de visível com singeleza é claro, em alguns setores, como é o caso dos paisagistas coplaquianos, não reflete infelizmente a realidade predominante das esferas trabalhistas como um todo e isso ficará bem claro quando dialogarmos com os paisagistas supabianos.

As relações humanas e por ventura, desumanas no ambiente de trabalho, foi uma das coisas me chamou bastante a atenção, em minha passagem nesses dois anos na Estratégia da Saúde da Família. Por isso, que no desenrolar de cada percurso, me vejo tomada por estes entrelaçares e sendo posto este, se concretizam nesta grafia aqui exposta.

Em todos os ambientes percorridos há uma repressiva e também depressiva precarização das relações de trabalho, em diferentes graus é claro, uns com condições mais suscetíveis a esses ensejos, com ausência total da ambientalidade e infraestrutura, o que colabora veementemente para a instauração e manutenção de contextos supressivos da subjetividade humana.

Perante a esta real condição dos modos de trabalho em saúde, posso agora, apresentar-lhes minhas impressões da experiência com os paisagistas da SUPAB. De certo,

que muito do que foi refletido sobre as incongruências do mundo laborativo discorridos acima, não causará espanto aos que aqui chegarem lamentavelmente.

Como todo paisagista, os supabianos são regidos por estruturas maiores de poder, que prestam conta e conseqüentemente sofrem sanções caso as regras não sejam cumpridas, incidindo diretamente no modo de gerir desta instancia.

À vista disso, é de difícil compreensão por parte tanto da população como da maioria dos profissionais de saúde a forma de governabilidade dos paisagistas, principalmente no que diz respeito da SUPAB. O desconhecimento é geral, e aqui me coloco como um desses desconhecedores e por inúmeras vezes, julgadores desse processo de trabalho.

Não tenho a pretensão de desconsiderar as criticas á forma de organização deste setor e os equívocos manejos que estes insistem em instaurar, apenas reconheço o fato, que a não apropriação e compreensão do saber fazer do outro e as circunstancias que este está inserido, impreterivelmente acarreta distorções da realidade vivenciada.

Cabe aqui ressaltar que os entendimentos e leituras de cenários são particulares, portanto as visões de um mesmo contexto não só podem como certamente vão variar, sempre de acordo com o universo que olhar.

Destarte, partilhando dos vislumbres do meu universo, sem despojar os multiversos a minha volta, trago aquilo que mais me tocou na passagem com os paisagistas supabianos. Desse modo, retomo as considerações acima sobre a convivência social do trabalho.

Os paisagistas da SUPAB formam um grupo relativamente pequeno, tendo em vista ao grande quantitativo de setores e demandas que os mesmos são responsáveis. Estes paisagistas também operam em uma estrutura adversa as prerrogativas de condições de trabalho e são condicionados constantemente a adaptar-se a ausência de infraestruturas as quais dificultam seus processos de trabalho rotineiramente.

Para tanto, um dos maiores dificultadores do exercício gerencial dos desses paisagistas, é a questionável relação de poder que vigora entre os mesmos. A competitividade desmedida, a hierarquia supressora, a intolerância sexista, o assédio moral velado, a normatização da despersonalização do ser, são incabíveis condutas freqüentemente impostas depreciativamente aos que fazem parte desta estrutura de labor.

Chega a ser estarrecedor o modo como as pessoas deixaram de existir e passaram a ser coisificada aos olhos dos outros. É como, os indivíduos estivessem imunizados da sua própria essência humana, nada os atingi, os afeta, afinal são “os profissionais”, e como tal “topam tudo”. Não conseguem enxergar que esta é sem dúvida alguma, a via mais rápida, para tornar-se sujeito objeto, comandado pelo do capital.

Ao que parece, a excelência da resiliência, palavra do modismo atual, para designar a maior característica profissional momentânea, só perdendo para o suprasumo das qualidades futurísticas, o ser “antifrágil”, o qual já permeia a esfera supabiana.

Também por isso, é bom lembrar que esta nova modalidade do mercado empregatício, onde a meta é mais importante que a ética e o foco está na produção em detrimento da subjetividade humana, requer um sujeito totalmente despido de sua humanidade, que tenha não apenas o desejo existencial bloqueado, mas sua subjetividade racionalizada, a qual deve estar totalmente atrelada a uma demanda que não o participa e não o faz participar, só executar.

Neste sentido, a racionalização do trabalho provoca a cisão do eu, desencadeando uma via direta para psicotização, pois o trabalho não é algo neutro e sim uma realidade subjetiva, e como tal, também é fonte de sofrimento, pois está direcionado ao desejo da organização e não do ser humano (DEJOURS, 1998).

Por conseguinte, o ser humano ao encontra-se adoecido, passa a olhar o outro não mais como pessoa, mas sim como objeto, para poder continuar trabalhando com ele. Esta tortuosa situação, infelizmente é a realidade vivenciada pelos paisagistas da SUBAB atualmente.

Estes profissionais, por uma série de questões, como as aqui expostas sobrevivem ao cultivo de relações esgarças em um ambiente estressante de trabalho, onde suas estratégias de enfrentamento faliram, o processo de adoecimento se fez presente, e os trabalhadores escondem o sofrimento, negando o adoecimento para não serem repreendidos e mal vistos socialmente.

Vale salientar que a objetificação dos indivíduos não é uma peculiaridade dos locais de trabalho, posto que, trata-se de profundos desequilíbrios nos relacionamentos humanos, porém é no lócus das práticas laborais, que essas praxes inadmissíveis se fazem presentes com mais furor.

Esse abuso no convívio social induz a banalização da injustiça social (DEJOURS, 1998) que imerso nos campos despóticos de trabalho, minimamente constrange, desestabiliza e conduz a patogenia. Desse modo, a perda de cooperação, da rede social de apoio subsidiada pela competição com joguetes psicológicos, mina as relações e instaura o processo de adoecimento em larga escala. Seguindo os descaminhos das formas de vida vulneráveis e fluídas, onde a identidade também é “líquida” e descartável reforçando uma temporalidade e fragilidade das relações sociais e dos laços humanos (BAUMAN, 2008), a canção Solitude, do grande artista brasileiro Djavan, lançada recentemente em 2018, expressa em versos, o drama da vida real contemporânea:

Amor em queda  
Mesmo tal moeda  
Perde cotação  
Um mundo louco  
Evolui aos poucos  
Pela contramão  
O erro invade  
Tudo o que é cidade  
Cai na imensidão

Guerra vende armas, mantém cargos  
Destroi sonhos, tudo de uma vez  
Sensatez  
Não tem vez

Vidas fardos, meros dados  
Incontáveis casos de desamor  
Quanta dor  
Muita dor

Parece tarde  
Falar de amizade  
Ver com o coração  
E desse jeito  
Reparar defeito  
Estendendo a mão

Quem é que sabe  
O quanto lhe cabe  
Dessa solitude?  
Por isso a hora  
De fazer é agora  
Tome uma atitude

R-E-S-P-I-R-A-R F-U-N-D-O, como a canção pede, minha primeira e constante atitude... Fechemos os olhos, abrimos, sejamos gratos e seguimos... Continuemos.... “É preciso está atento e forte, não temos tempo de temer a morte...”, “Tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso...” (GIL; VELOSO,1969).

Bem, acho que até aqui fico claro o quanto a experiência em meio às relações de trabalho fomentaram em mim, profundas reflexões... Mas talvez já possa ter surgido, para algum acompanhante dessa minha escrita, uma pergunta sobre o convívio com os paisagistas sejam eles “coplaquaianos” ou os supabianos: Como estes enxergam os Jardins? É, caras vistas que seguem este memorial até o presente momento, sinto muito em lhes dizer, mas os paisagistas até que, em alguma medida, vêem os jardins, mas não conseguem enxergar-los... Estão muito preocupados com a imagem que os mesmos criaram, com o desenvolvimento, gestão e manutenção dos projetos que estes e outros idealizaram para os “jardins” (meros espaços verdes) de suas e outras criações imaginárias, além dos burocráticos e intermináveis processos da máquina pública. Não importa se são

jardins, florestas, campos ou parques a estes olhos, não existe distinção, tudo e todos são uma coisa só.

De certo que os devaneios projetados sobre a realidade nada abstrata dos reais jardins, não atendem as expectativas alimentadas pelos designs paisagísticos. Todavia, a cada passo diante de si é possível descobrir o inesperado, antes ignorado pela certeza de tudo saber.

Neste sentido, caminhos se abrem para os paisagistas enxergarem os jardins como de fato eles são, contudo, para isso se faz necessário romper com a fantasia de suas abstrações. Os paisagistas precisam permitir-se a experimentar concretamente os jardins, estando inteiramente imersos em sua realidade, a qual apesar das constantes vicissitudes abarca inúmeras virtudes.

Complexidades, questionamentos, desafios, reflexões, surpresas e aprendizado fizeram parte da convivência com os paisagistas tanto da COPLAC quanto da SUPAB. No entanto, ao findar esta experiência, sinto que as trocas de saberes entrelaçadas pelo inerente “calor humano”, mesmo que na singeleza, pôde suscitar modificações no meu modo particular de enxergar esses campos de práticas e saberes.

Desta forma, aos poucos pude moldar-me as suas realidades, mesmo que estas, em algum grau parecessem paralelas... E como toda borboleta que a transformação define, pude compreender o processo desta metamorfose também em mim.

## 7. Findando ciclos

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei

Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs

É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida

Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro  
Levando a boiada  
Eu vou tocando os dias  
Pela longa estrada, eu vou  
Estrada eu sou

Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz

Por meio, desta belíssima tradução existencial e afetiva de sonhadores e “tocadores de alma” que tenho um inenarrável apreço, Almir Sater e Renato Teixeira, saio do casulo, abro as asas, alço vôo e assim como eles sigo **“Tocando Em Frente”**.

Antes, pois do fim, que aos poucos se assenta trago aqui, mais um suspiro de minha intimidade. Este talvez possa não ser entendido, mas lhes garanto que para esta pessoa que vos fala, alivia o peito e conforta a essência da ânima. Desse modo, peço encarecidas compreensões, mas findarei este momento em breve palavras, sentimentos e versos:

É preciso reconhecer-se  
Enxergar-se no tempo  
No espaço de cada canto, de cada coisa, de cada lugar,  
Que existe, insiste, coexiste e resiste.

Diante do espelho d'água que nos unifica  
Em uma sinuosa sincronia  
Cintilada nas ondas multicores  
Brilhamos no cosmo, na terra e no ar

Eu  
Você  
Todos nós vibramos  
Luz solar, luz lunar  
Fauna, flora, orvalho, aurora, brisa e mar

A história se finda,  
O tempo inicia,  
O convite é feito,  
A resposta...  
O caminho se dá.

Desse modo, com estas linhas carregadas de minhas subjetividades, me despeço deste ciclo, marco do início de tantos outros assim espero... Flores, Cravos, Buquês, Jardins, Jardineiros, Paisagistas, a todos vocês minha profunda **Gratidão! Namastê!**

## Referências

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação da pessoa em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do Humano - Compaixão pela terra**. Editora Vozes, 20ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em:

BRASIL. **Manual de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**, Secretaria de Saúde. Governo do Espírito Santo, 2013.

BRASIL. **Portaria Nº 971, de 03 de Maio de 2006**. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

FLORES, Terezinha. **Epistemologia Interdisciplinar em Biodança**. In: Flores. Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

FOCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU, (1973, [2002]).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O Profeta**. Tradução Mansour Challita. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

<http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampledata/2015/livros/sabercuidar.pdf> . Acesso em: 23 de Outubro de 2018.

MERHY, EE. **Saúde: A Cartografia do Trabalho Vivo**. 3a Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2002. (Saúde em Debate, 145).

PEREZ, Luana Castro Alves. "**Entre o átomo e o cosmos: Cinco poemas de Augusto dos Anjos**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/entre-atomo-cosmos-cinco-poemas-augusto-dos-anjos.htm>>. Acesso em: 21 de outubro de 2018.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Editora Companhia das Letras, 18ª edição, 1995.

SENDER R, FUCHS S, MILO R Revised **Estimates for the Number of Human and Bacteria Cells in the Body**. *PLoS Biol* 14(8): e1002533. <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.1002533>. (2016). Disponível em: <https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.1002533>

TORO, Rolando. **Inteligência Afetiva**. In: FLORES, Feliciano E. V. (Org.). Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva – Porto Alegre: Evangraf, 2006.

**Referências Discográficas:**

CANDEIA, Antônio. **Preciso Me Encontrar**. In: Cartola. Cartola II, 1976.

DJAVAN. **Solitude**. In: Vesúvio. Editora: Luanda Edições Musicais, 2018.

FISHMANN, Rodrigo. **Dinossauros**. In: Dingo Bells. Maravilhas da Vida Moderna. 2015.

GIL, Gilberto. **Copo Vazio**. In: Chico Buarque. Sinal Fechado. 1974.

GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. **Divino Maravilhoso**. In: Gal Costa. Phonogram/Philips 1969.

GONZAGA JR, Luiz. **Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)**. In: Âlo, Âlo Brasil. EMI-Odeon, 1983.

LINS, Ivan. SOUZA; Ronaldo Monteiro de. **Deixa Eu Dizer** In: Cláudia. Modo Livre. 1974.

SATER, Almir; TEIXEIRA Renato. **Tocando Enfrente**. In: Almir Sater Ao Vivo. Columbia/Sony Music, 1992.